

# Grita

Laurie Halse Anderson



## Bem-vindos à Escola Secundária de Merryweather

É a minha primeira manhã na escola secundária. Tenho sete cadernos novos, uma saia que detesto, e dores de estômago.

O autocarro da escola aparece na minha esquina. A porta abre-se e eu entro. Sou a primeira recolha do dia. O motorista arranca e eu estou de pé no corredor. Onde me vou sentar? Nunca fui um caso perdido do banco de trás. Se me sentar no meio, um estranho qualquer pode sentar-se a meu lado. Se me sentar à frente, fico com ar de miúda, mas calculo que seja a melhor hipótese que tenho de estabelecer contacto visual com uma das minhas amigas, se é que alguma já se decidiu a falar comigo.

O autocarro recolhe alunos em grupos de quatro ou cinco. Descem o corredor, esta gente que eram meus colegas no laboratório ou no ginásio, e agora lançam-me olhares. Fecho os olhos. É disto que tenho andado cheia de medo. Quando arrancamos da última paragem, sou a única pessoa sentada sozinha.

O motorista reduz para nos puxar monte acima. O motor queixa-se, e os rapazes lá atrás berram qualquer coisa obscena. Há alguém que tomou banho em perfume. Tento abrir a janela, mas as trancas não mexem. Um tipo atrás de mim desembulha o pequeno-almoço e atira o papel contra a minha nuca. Depois cai-me no colo – um *Ho-Ho*.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Trocadilho com a abreviatura de *whore*, “galdéria”. (N. da T.)

Passamos por contínuos a pintarem o sinal em frente da escola secundária. O conselho diretivo decidiu que “Escola Secundária Merryweather – Sede dos Trojans” não passa propriamente uma mensagem de abstinência, pelo que nos transformaram nos Diabos Azuis.<sup>2</sup> Mais vale um diabo conhecido do que um Trojan desconhecido, calculo. As cores da escola continuam a ser o roxo e o cinzento. O conselho diretivo não quiz abrir os cordões à bolsa para equipamentos novos.

Os alunos mais velhos podem perambular até dar o toque, mas os do nono ano vão como rebanhos para o auditório. E dividimo-nos em clãs: Tarados da Bola, Betinhos do Clube de Campo, Sábios Idiotas, Chefes de Claque, Lixo Humano, Estilosos, Futuros Fascistas da América, Cabelos Anos 80, Miúdas Perfeitas, Artistas Sofredores, Atores, Góticos, Maus Dentes. Eu não tenho clã. Desperdicei as últimas semanas de agosto a ver desenhos animados da treta. Não fui ao centro comercial, ao lago, à piscina, nem atendi chamadas. Entrei na escola secundária com o cabelo errado, a roupa errada, o feitio errado. E não tenho ninguém sentado a meu lado.

Sou uma Marginal.

Não vale a pena procurar amigas antigas. O nosso clã, as Simplesmente Marias, dividiu-se e os bocados andam a ser absorvidos por fações rivais. A Nicole anda com os Tarados da Bola, a comparar cicatrizes dos desportos da liga do verão. A Ivy pavoneia-se entre os Artistas Sofredores de um lado do corredor e entre os Atores do outro. Tem personalidade que chegue para andar com os dois bandos. A Jéssica mudou-se para o Nevada. Não se perdeu nada. Ela era mais amiga da Ivy, seja como for.

---

<sup>2</sup> Trocadilho com uma marca de preservativos americanos, *Trojan*. (N. da T.)

Os miúdos atrás de mim riem-se tanto que eu sei que se estão a rir de mim. Não consigo evitar. Viro-me. É a Rachel, rodeada por um monte de miúdos com roupa que de certezinha não veio do centro comercial no East Side. Rachel Bruin, a minha ex-melhor amiga. Está a olhar para qualquer coisa acima da minha orelha esquerda. As palavras sobem-me pela garganta. Esta foi a rapariga que sofreu comigo nas Guias, que me ensinou a nadar, que compreendeu a noia com os meus pais, que não gozou quando viu o meu quarto. Se há alguém em toda a galáxia a quem estou mortinha por contar o que realmente aconteceu, é a Rachel. Até me arde a garganta.

Os olhos dela encontram os meus por um segundo. “Odeio-te”, diz ela em silêncio. Vira-me costas e ri-se com os amigos. Mordo o lábio. Não vou pensar nisso. Foi um pavor, mas já acabou, e não vou pensar nisso. O lábio sangra um pouco. Tem um gosto metálico. Tenho mesmo de me sentar.

Fico no corredor central do auditório, uma zebra ferida num documentário da *National Geographic*, à procura de alguma pessoa, qualquer uma, para me ir sentar ao lado. Aproxima-se um predador: Tarado da Bola de cabelo cortado à escovinha, apito pendurado num pescoço que é maior do que a cabeça. Provavelmente professor de Estudos Sociais, contratado para ser treinador de um desporto sangrento.

Profê Pescoço:

– Senta-te.

Sento-me. Aparece outra zebra ferida e sorri para mim. Deve ter pelo menos cinco mil dólares de ortodontia em cima, mas uns belos sapatos.

– Sou a Heather do Ohio – diz ela. – Sou nova cá. E tu, também?

Não tenho tempo para responder. As luzes baixam e começa a lavagem ao cérebro.

## AS PRIMEIRAS DEZ MENTIRAS QUE CONTAM NA ESCOLA SECUNDÁRIA

Estamos aqui para ajudar.

Terás tempo suficiente para chegar à aula antes de dar o toque.

Não há exceções quanto a fardamento.

Não é permitido fumar no recinto da escola.

A nossa equipa de futebol vai ganhar o campeonato este ano.

Esperamos mais de ti aqui.

Os orientadores estão sempre prontos a ouvir.

O teu horário foi feito com as tuas necessidades em mente.

O código do teu cacifo é confidencial.

Mais tarde hás de olhar para estes anos com afeto.

A primeira aula é Biologia. Não dou com a sala e ganho o primeiro ponto negativo por vadiar nos corredores. São 8:50 da manhã. Só faltam 699 dias e sete períodos até à formatura.

### **Os nossos profes são os melhores...**

A minha profe de Inglês não tem cara. Tem um cabelo despen-teado e escorrido que lhe chega aos ombros. O cabelo é preto do risco até às orelhas e depois cor de laranja néon até às pontas espi-gadas. Não me consigo decidir se ela terá irritado a cabeleireira ou se estará a metamorfosear-se numa borboleta monarca. Chamo-lhe Maria Cabelo.

A Maria Cabelo gasta vinte minutos a tirar as presenças porque não quer olhar para nós. Continua de cabeça baixa sobre a secretá-ria e o cabelo cai-lhe como uma cortina. Passa o resto da aula a escrever no quadro e a falar para a bandeira sobre as leituras obri-gatórias. Quer-nos a escrever nos diários todos os dias, mas pro-mete que não os lê. Eu escrevo o quanto ela é esquisita.

Também temos diários em Estudos Sociais. A escola deve ter um desconto do caraças em diários. Andamos a estudar História

da América pela nona vez em nove anos. Mais uma revisão de mapas, uma semana de Nativos Americanos, Cristóvão Colombo a tempo do Dia de Colombo, os Peregrinos a tempo do Dia de Ação de Graças. Todos os anos dizem que vamos chegar mesmo ao presente, mas ficamos sempre emperrados na Revolução Industrial. Chegámos à Primeira Guerra Mundial no sétimo ano – quem diria que houve uma guerra com o mundo todo? Precisamos de mais férias para manter os profes de Estudos Sociais na ordem.

O meu profes de Estudos Sociais é o Profes Pesçoço, o mesmo que ralhou para eu me sentar no auditório. E lembra-se bem de mim.

– Estou de olho em ti. Fila da frente.

Prazer em vê-lo outra vez também. Aposto que sofre de stress pós-traumático. Vietname ou Iraque – uma dessas guerras da televisão.

## **Ribalta**

Encontro o cacifo depois de Estudos Sociais. A fechadura está emperrada, mas consigo abrir. Mergulho na torrente de alunos da quarta hora a caminho do almoço e vou a nadar corredor fora até ao refeitório.

Já sei muito bem que não se deve trazer almoço no primeiro dia de escola. Não há maneira de saber qual será a moda aceitável. Sacos castanhos – tributo humilde aos subúrbios, ou cenas de mar-rão impenitente? Sacos de almoço revestidos – maneira fixe de salvar o planeta, ou sinal de uma mãe demasiado interveniente? Comprar é a única solução; e dá-me tempo de procurar uma cara amiga ou um canto que passe despercebido no refeitório.

O prato quente é peru com puré de batata de pacote e molho, um vegetal verde ensopado e uma bolacha. Não sei bem como pedir qualquer outra coisa, limito-me a empurrar o tabuleiro e a deixar os autómatos do almoço encherem-mo. Este sénior com um

metro e oitenta à minha frente safa-se com três hambúrgueres de queijo, batatas fritas, e dois *Ho-Hos* sem dizer palavra, não sei como é possível. Deve ser uma espécie de código Morse com os olhos. Tenho de analisar bem isto. Vou atrás do Poste de Basquete e entro no refeitório.

Vejo alguns amigos – gente que eu pensava ser minha amiga – mas todos desviam o olhar. Despacha-te a pensar, despacha-te. Lá está a miúda nova, a Heather, a ler à janela. Podia sentar-me em frente dela. Ou podia esconder-me atrás de um balde do lixo. Ou podia despejar o almoço diretamente no lixo e continuar a andar e sair porta fora.

O Poste de Basquete acena para uma mesa de amigos. Claro. A equipa de basquete. Todos lhe dizem palavrões – uma saudação bizarra qualquer praticada por rapazes atléticos com borbulhas. Ele sorri e atira um *Ho-Ho*. Tento contorná-lo.

Plof! Um bocado de puré e molho atinge-me mesmo no meio do peito. As conversas param todas e a sala inteira fica a olhar, a minha cara a ficar gravada nas retinas deles. Serei conhecida para sempre como “a rapariga que foi apanhada pelo puré no primeiro dia”. O Poste de Basquete pede desculpa e diz mais qualquer coisa, mas quatrocentas pessoas desatam à gargalhada e eu não sei ler lábios. Largo o tabuleiro e lanço-me para a porta.

Saio tão depressa do refeitório que, se o treinador de atletismo me apanhasse, recrutava-me logo para a equipa da universidade. Mas não, o Profe Pescoço está de serviço no refeitório. E o Profe Pescoço não tem préstimo para raparigas que conseguem correr os cem metros em menos de dez segundos, a menos que estejam dispostas a isso com uma bola de futebol.

Profe Pescoço: – Encontramo-nos outra vez.

Eu: –...

Será que ele ouve, “Tenho de ir a casa mudar de roupa”, ou “Viu o que aquele palhaço fez?” Nem por sombras. Fico de boca calada.

Profe Pescoço: – Aonde pensas que vais?

Eu: –...

É mais fácil não dizer nada. Fecha a matraca, corre o fecho, caluda. A trampa toda que se vê na televisão sobre comunicação e expressão de sentimentos é uma aldrabice. Ninguém quer realmente ouvir o que tens a dizer.

O Profe Pescoço escreve no caderno.

– Eu soube que só davas problemas assim que te pus a vista em cima. Dou aulas aqui há vinte e quatro anos e sei dizer o que vai na cabeça de um miúdo só pelos olhos. Chega de avisos. Acabaste de perder pontos por vaguear nos corredores sem passe.

## **Refúgio**

Arte vem a seguir ao almoço, como o sonho vem a seguir ao pesadelo. A sala de aula fica na outra ponta do edifício e tem janelas compridas viradas a sul. O sol não brilha muito em Syracuse, pelo que a sala de arte foi concebida para apanhar o máximo de luz possível. Tem pó, mas de uma maneira limpa. O chão tem camadas de manchas secas de tinta, as paredes estão forradas a esboços de adolescentes atormentados e cãezinhos gordos, as prateleiras atulhadas de vasos cerâmicos. Há um rádio sintonizado na minha frequência preferida.

O Profe Freeman é feio. Um corpo grande como um gafanhoto, como um artista de circo sobre andas. O nariz é como um cartão de crédito entalado entre os olhos. Mas sorri-nos quando entramos em fila na sala.

Está debruçado sobre um vaso na roda de oleiro, as mãos cheias de barro vermelho.

– Bem-vindos à única disciplina que lhes há de ensinar a sobreviver – diz ele. – Bem-vindos a Arte.

Sento-me na mesa perto da secretária dele. A Ivy anda nesta turma. Senta-se ao pé da porta. Continuo a olhar para ela, a tentar

que ela olhe para mim. Acontece nos filmes – as pessoas sentem quando têm alguém a olhar para elas e depois têm mesmo de se virar e dizer qualquer coisa. Ou a Ivy tem um grande campo de força, ou a minha visão laser não tem força suficiente. Ela não olha para mim. Quem me dera sentar-me ao lado dela. Ela percebe de arte.

O Profê Freeman para a roda e agarra num bocado de giz sem lavar as mãos. “ALMA”, escreve ele no quadro. O barro mancha a palavra como se fosse sangue seco.

– É aqui que podem encontrar a vossa alma, se tiverem coragem. Onde podem tocar nessa parte vossa para onde nunca tiveram coragem de olhar. Não venham cá perguntar-me como é que se desenha uma cara. Peçam-me que os ajude a encontrar o vento.

Espreito para trás de mim. O telégrafo das sobranceiras trabalha a todo o vapor. Este tipo é esquisito. Ele deve dar por isso, deve saber o que estamos a pensar. E continua a falar. Diz que havemos de nos formar a saber ler e escrever porque passaremos um milhão de horas a aprender a ler e a escrever (eu poderia debater esta questão).

Profê Freeman: – Porque não passar esse tempo em arte: pintura, escultura, carvão, pastel, óleos? As palavras e os números serão mais importantes do que as imagens? Quem é que decidiu isso? A álgebra consegue comovê-los até às lágrimas?

(Há mãos no ar, devem pensar que ele quer resposta).

– O possessivo plural saberá exprimir os sentimentos do vosso coração? Se não aprenderem arte agora, nunca aprenderão a respirar!!!

Há mais. Para uma pessoa que questiona o valor das palavras, ele emprega muitas. Desligo um pouco e volto quando ele mostra um globo grande a que falta metade do Hemisfério Norte.

– Sabem dizer-me o que é isto? – pergunta ele.

– Um globo? – alvitra uma voz lá atrás.

O Profe Freeman revira os olhos.

– Era uma escultura cara que um miúdo qualquer deixou cair e teve de pagar com o seu dinheiro senão não o deixavam acabar a escola? – pergunta outra.

O Profe Freeman suspira.

– Não há imaginação. Mas que idade têm, treze? Catorze? Já os deixaram tirar-vos a criatividade! Isto é um globo antigo que servia de bola para as minhas filhas no meu estúdio, quando estava tudo molhado na rua. Um dia a Jenny meteu o pé pelo Texas adentro, e os Estados Unidos sumiram-se no mar. E voilà – uma ideia! Esta bola partida pode usar-se para exprimir visões tão poderosas – pode pintar-se uma gravura dela com gente a fugir pelo buraco, com um cão de focinho molhado a comer o Alasca – as oportunidades nunca mais acabam. Quase que é demais, mas vocês são importantes e merecem.

Há?

– Cada qual escolhe um bocado de papel do globo. – O profe anda pela sala para podermos tirar bocados vermelhos do centro da terra.

– No papel vão encontrar uma palavra, o nome de um objeto. Espero que gostem. Vão passar o resto do ano a aprender como transformar esse objeto numa obra de arte. Vão esculpi-lo. Vão desenhá-lo, fazer papier-mâché, baixo-relevo. Se o professor de Informática falar comigo este ano, podem ir para o laboratório fazer rabiscos no computador. Mas há um senão – no fim do ano, têm que arranjar maneira de o vosso objeto dizer algo, exprimir uma emoção, falar a cada pessoa que olhar para ele.

Há quem resmungue. Sinto borboletas no estômago. Mas ele pode mesmo deixar-nos fazer isso? Parece divertimento a mais. O profe chega à minha carteira. Meto a mão no fundo do globo e pesco o meu papel.

– Árvore?

Árvore? É fácil demais. Aprendi a desenhar árvores no segundo ano. Meto a mão para tirar outro bocado de papel. O Profe Freeman abana a cabeça.

– Na-na-na – faz ele. – Acabaste de escolher o teu destino, não podes alterá-lo.

Ele tira um balde de argila de debaixo da roda de oleiro, parte bolas do tamanho de punhos e atira uma a cada um de nós. Depois aumenta o volume do rádio e ri-se.

– Bem-vindos à viagem.

## **Español**

A profe de Espanhol vai tentar passar o ano todo sem falar Inglês connosco. Coisa útil e divertida – facilita muito mais não lhe ligarmos nenhuma. Ela comunica com gestos exagerados e teatrinhos. É como uma aula de adivinhas. Diz uma frase em Espanhol e leva as costas da mão à testa.

– Tem febre! – Exclama alguém da turma. Ela abana a cabeça que não, e repete o gesto.

– Vai desmaiar!

Não. Ela sai para o corredor, depois irrompe porta adentro, com ar ocupado e distraído. Vira-se para nós, finge-se admirada por nos ver, e depois leva outra vez as costas da mão à testa.

– Está perdida!

– Está zangada!

– Está na escola errada!

– Está no país errado!

– Está no planeta errado!

Ela experimenta mais uma vez e dá tal palmada na própria testa que até fica a cambalear. Tem a testa cor-de-rosa como o batom. Os palpites continuam.

– Não consegue acreditar na quantidade de alunos nesta turma!

- Esqueceu-se de como é que se fala Espanhol!
- Dói-lhe a cabeça!
- Vai ter uma dor de cabeça se não descobirmos!

Desesperada, ela escreve uma frase em Espanhol no quadro: *Me sorprende que estoy tan cansada hoy*. Ninguém sabe o que quer dizer. Não sabemos Espanhol – por isso é que estamos aqui. Finalmente, há um crânio que saca do dicionário Espanhol-Inglês. Passamos o resto da hora a tentar traduzir a frase. Quando dá o toque, chegámos a este ponto: “Cansar o dia com surpresa”.

### **Trabalho. Casa.**

Consigo passar as primeiras duas semanas de aulas sem me ir abaixo como uma casa por implosão. A Heather do Ohio senta-se comigo ao almoço e telefona-me para falar dos trabalhos de casa de Inglês. A miúda fala que se desunha. A mim basta-me segurar o telefone com o ombro e ir dizendo “hum, hum” enquanto faço zapping. A Rachel e todas as pessoas que conheço há nove anos continuam a não me ligar nenhuma. Há quem me dê encontrões nos corredores. Já me arrancaram os livros dos braços e os deitaram ao chão algumas vezes. Tento não me ralar muito. Hão de acabar por perder a vontade.

A princípio, a Mãe era mesmo boa a fazer o jantar de manhã e a metê-lo no frigorífico, mas eu sabia que havia de acabar. Chego a casa e deparo com um bilhete que diz “Piza. 555-4892. Pouca gorjeta desta vez”. Agarrada ao bilhete há uma nota de vinte dólares. A minha família tem um sistema bom. Comunicamos com bilhetes em cima do balcão da cozinha. Eu escrevo quando preciso de material escolar ou de boleia para o centro comercial. Eles escrevem a que horas chegam do trabalho e se eu tenho de pôr alguma coisa a descongelar. O que mais há a dizer?

A Mãe anda a ter problemas com o pessoal outra vez. A minha mãe é a gerente da *Effert's*, uma loja de roupa na baixa. A chefe ofereceu-lhe a loja do centro comercial, mas ela não quis. Acho que gosta de ver a reação das pessoas quando diz que trabalha na cidade.

– Não tem medo? – Costumam perguntar-lhe.

– Eu nem num milhão de anos trabalharia lá.

A Mãe adora fazer as coisas de que os outros têm medo. Podia ter sido domadora de serpentes.

Porém, o facto de a loja ser na baixa dificulta a contratação de empregados. Cleptomaníacos diários, vadios a fazerem chichi na porta da frente, e um assalto à mão armada de vez em quando desencorajam quem anda à procura de emprego. Vá-se lá perceber. Ainda estamos na segunda quinzena de setembro e ela já anda a pensar no Natal. Tem a cabeça cheia de flocos de neve plásticos e pais natais de feltro vermelho. Se não arranjar empregados que cheguem para setembro, vai estar completamente na trampa quando chegarem as festas.

Encomendo o jantar às 15:10 e como-o no sofá branco. Não sei qual dos pais andava com ataques quando compraram este sofá. O truque para comer nele é virar o lado sujo das almofadas para cima. O sofá tem duas personalidades: “Melinda a inalar chouriço e cogumelo” e “Ninguém come na sala de estar, não senhora”. Eu vou enfardando e vendo televisão até ouvir o jipe do Pai no acesso à garagem. Flip, flip, flip, almofadas viradas para se ver as bochechas brancas e giras, e levo sumiço escada acima. Quando o Pai abre a porta, tudo está como ele gosta de ver, e eu desapareci.

O meu quarto pertence a uma extraterrestre. É um bilhete-postal de quem eu era no quinto ano. Passei por uma fase louca em que pensava que as rosas deviam tapar tudo e o cor-de-rosa era uma cor fantástica. Foi tudo culpa da Rachel. Suplicou à mãe dela que a deixasse redecorar o quarto, e acabámos todas com quartos novos. A Nicole recusou-se a pôr a estúpida da saia à volta da mesa-

-de-cabeceira e a Ivy excedeu-se como de costume. A Jessica decorou o dela subordinado ao tema deserto e vaqueiros. O meu quarto ficou no meio, um bocado roubado a todas as outras. As únicas coisas mesmo minhas eram a coleção de coelhos de peluche de quando eu era miúda e a cama de dossel. Por mais que a Nicole tivesse gozado comigo, não abri mão da cama de dossel. Estou a pensar em mudar o papel de parede cor-de-rosa, mas depois a Mãe mete o bedelho e o Pai põe-se a tirar medidas e eles começam a discutir sobre tintas. Seja como for, não sei que aspeto quero que tenha.

Os trabalhos de casa já foram ao ar. A cama está a emitir “raios sesta” com toda a gana. Não consigo evitar. As almofadas fofas e o edredão quentinho têm mais força do que eu. Não tenho escolha senão meter-me debaixo das mantas.

Ouçõ o Pai a ligar a televisão. Clique, clique, clique – ele deita cubos de gelo num copo de fundo grosso e serve-se. Abre o micro-ondas – para a piza, calculo – bate com a porta, depois ouço o temporizador fazer bip-bip. Ligo o rádio para ele saber que estou em casa. Não vou fazer uma sesta a sério. Estou neste estado intermédio, uma paragem a caminho do sono, onde consigo ficar horas. Nem sequer preciso de fechar os olhos, apenas de ficar a salvo debaixo das mantas e de respirar.

O Pai aumenta o volume da televisão. O pivô do noticiário berra “Cinco mortos em incêndio doméstico! Jovem rapariga agredida! Adolescentes suspeitos de assalto a uma bomba de gasolina!” Debico uma pele seca que tenho no lábio inferior. O Pai passa de canal em canal, a ver as mesmas notícias uma e outra vez.

Vejo-me ao espelho do outro lado do quarto. Credo. Tenho o cabelo completamente escondido debaixo do edredão. Procuo as formas da minha cara. Será que posso pôr uma cara na árvore, como uma dríade da mitologia grega? Dois círculos turvos nos olhos, debaixo de sobrancelhas a risco preto, narinas de porco, e um horror de boca mastigada. Não é nada cara de dríade. Não

consigo parar de morder os lábios. Parece que a minha boca pertence a outra pessoa, outra pessoa que nem sequer conheço.

Saio da cama e tiro o espelho da parede. Ponho-o ao fundo do roupeiro, virado ao contrário.

## **O nosso destemido líder**

Estou escondida na casa de banho, à espera que o caminho fique desimpedido. Ponho a cabeça pela frincha da porta. O Diretor Diretor repara noutro aluno errante no corredor.

Diretor Diretor: – Aonde está o seu passe para atrasos, cavalheiro?

Aluno Errante: – Vou agorinha mesmo buscar um.

DD: – Mas não pode andar pelos corredores sem passe.

AE: – Eu sei, estou tão aborrecido. Por isso é que tenho de me despachar, para ir buscar o passe.

O Diretor Diretor fica com ar de Daffy Duck quando o Bugs Bunny lhe está a dar a volta.

DD: – Então despache-se, vá lá buscar o passe.

O Aluno Errante lança-se corredor abaixo, a acenar e a sorrir. O Diretor Diretor segue em sentido contrário, a rememorar a conversa, a tentar perceber onde é que correu mal. Eu fico a pensar nisso e rio-me.

## **Educação Física**

A ginástica devia ser ilegal. É uma humilhação.

O meu cacifo da ginástica é o que fica mais perto da porta, ou seja, tenho de mudar de roupa dentro de uma casa de banho. A Heather do Ohio tem o cacifo ao lado do meu. Ela anda com a roupa de ginástica debaixo da roupa normal. Depois da ginástica tira os cal-